

**QUESTÕES DE LÍNGUA E CULTURA
NA ALDEIA URBANA MARÇAL DE SOUZA**

Marlene S. Limieri Dualibe (UEMS)
marlaflu@yahoo.com.br

Natalina Sierra A. Costa (UEMS)
natysierra2011@hotmail.com

1. Introdução

Conhecida como a primeira aldeia urbana do país, Marçal de Souza, está instalada em Campo Grande – MS. Segundo informações colhidas no local, a comunidade insere ao meio urbano, cerca de 135 famílias indígenas, algo em torno de 650 pessoas da etnia terena.

A aldeia trás diversas inovações, dentre elas está o fato de uma mulher ocupar a liderança. Uma cacique, que pela primeira vez, assume a frente dos terenas e por isso, enfrentou preconceito dentro da própria comunidade.

Enir da Silva Bezerra tem 58 anos, mora no local há 16. É cacique há 4 anos. Ela disse que a aldeia enfrenta problemas de infraestrutura, como a falta de calçadas e ausência de um centro comunitário.

Apesar das complexidades, a líder indígena diz que a comunidade vive em harmonia e salienta a importância de se manterem as tradições de sua cultura, como alimentos, danças e a língua materna.

2. Objetivo

Este trabalho teve como objetivo geral, a investigação, o documentário e dentro da proposta, um estudo que revelasse, por meio de depoimentos de vida e de uma pesquisa sociocultural o modo como o grupo étnico terena enxerga o mundo, na perspectiva urbana e, diante às suas peculiaridades, a aldeia é frequentemente tomada como objeto de estudo. Há um esforço para a preservação de suas características naturais. Por isso o objetivo é manter as informações atualizadas e acessíveis, fato esse que conduziu ao levantamento de tais dados, pois há muitas informações controversas, ultrapassadas ou não comprovadas.

3. Metodologia

Inicialmente, fizemos um levantamento bibliográfico para melhor conhecermos essa comunidade em questão.

Em seguida partimos para a pesquisa de campo e como é do conhecimento de todos, essa fase requer um esforço adicional e um alto grau de disposição para trabalhar com o outro, pois não depende só do pesquisador, mas de diferentes fatores: disponibilidade de tempo, garantia de locomoção até a comunidade em estudo, seleção dos informantes que tenham boa dicção e que estejam dispostos a contribuir com a pesquisa, entre outros. Diante do exposto, como era de se esperar, nosso primeiro contato foi muito difícil, pois, mesmo dizendo que nosso objetivo era conhecer e estudar a história da aldeia urbana, bem como obter informações a respeito da experiência de vida dessa tribo, não conseguimos, de imediato, obter a confiança. Por isso, foram necessárias outras visitas da pesquisadora, juntamente com pessoas influentes, pois para que pudéssemos coletar um material lingüístico de boa qualidade, foi necessário fazer-se conhecer e conhecer a comunidade em que iríamos trabalhar e interagirmos com a família e com o grupo. Como muito bem observa, “o propósito do método de entrevista sociolingüística é o de minimizar o efeito negativo, causado pela presença do pesquisador e do gravador na naturalidade da situação da coleta de dados”. Tarallo (1985, p.21).

Com as pesquisas de campo, conhecemos alguns trabalhos que são desenvolvidos na Marçal de Souza:

A aldeia disponibiliza uma escola do pré a quinta série, um CE-INF (Centro de Educação Infantil), um Memorial Indígena que faz parte da rota turística do City Tour de Campo Grande – MS, cuja finalidade é expor aos visitantes seus artesanatos e contar um pouco de sua história.



Memorial Indígena –Fonte: Alvaro Barbosa Rodrigues

Há também na aldeia o *Ponto de Cultura Yokone Kopenoti*, que significa "vem pra cá parente", cuja referência se faz a um projeto que foi contemplado junto a outros 15 pontos de cultura em Campo Grande, entretanto esse é o único coordenado por indígenas.

O ponto de cultura, coordenado pela índia terena Silvana Dias de Souza Albuquerque tem a finalidade de levar uma inovação tecnológica dentro da aldeia, almejando expandir esses conhecimentos com a introdução de culinária e aula de língua terena. Assim como o acesso à informática, informação audiovisual, ilha de edição de filmes e fotografias, permitindo que essas referências estejam ao alcance dos indígenas, sem que os distancie de seus costumes predominantes, incentivando os índios mais jovens a conhecerem suas tradições culturais, como danças típicas e vestimentas.

O ponto de cultura também tem a finalidade de divulgar esses trabalhos em outras aldeias urbanas, fazendo com que essas informações valorizem suas raízes.

4. *Histórico do Mato Grosso do Sul e localização da aldeia urbana Marçal de Souza*

Mato Grosso do Sul ocupa um espaço de 358.159 km², situa-se na região centro oeste do país, e faz fronteira com Paraguai e Bolívia, o que proporciona uma facilitação para entrada de imigrantes no Brasil.



Tem cinco estados como divisa: São Paulo, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso e Paraná. Possui a segunda maior população indígena do país, com 73.295 mil índios pertencentes a diversa etnias: atikum, guarany [kaiwá e nhandéwa], guató, kadiwéu, kamba, kinikinawa, ofaié, terena, xiquitano (Fundação Nacional do Índio, 2008). ficando atrás somente do estado do Amazonas. A estimativa é do censo demográfico de 2010, atualizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Mapa do estado de Mato Grosso do Sul. Fonte: site Ilovesoficial



IBGE – FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
UNIDADE NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
SDI – SETOR DE DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES

Resultados Preliminares do Universo do Censo Demográfico 2010							
Tabela 4 - População residente, por situação do domicílio e cor ou raça, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação - 2010							
Grandes Regiões e Unidades da Federação	População residente na área rural						
	Total	Cor ou raça					
		Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Sem declaração
Brasil	29 830 007	10 839 117	2 067 492	250 911	16 118 409	502 783	1 295
Mato Grosso do Sul	351 786	126 864	14 027	2 179	149 877	58 838	1

Recorte da Tabela 4

A grande maioria, ou seja, 58.838 mil índios, ainda encontram-se nas áreas rurais de Mato Grosso do Sul.

Resultados Preliminares do Universo do Censo Demográfico 2010							
Tabela 4 - População residente, por situação do domicílio e cor ou raça, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação - 2010							
Grandes Regiões e Unidades da Federação	População residente na área urbana						
	Total	Cor ou raça					
		Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena	Sem declaração
Brasil	160 925 792	80 212 529	12 430 469	1 803 377	66 158 924	315 180	5 313
Mato Grosso do Sul	2 097 238	1 031 239	106 069	27 778	917 683	14 457	12

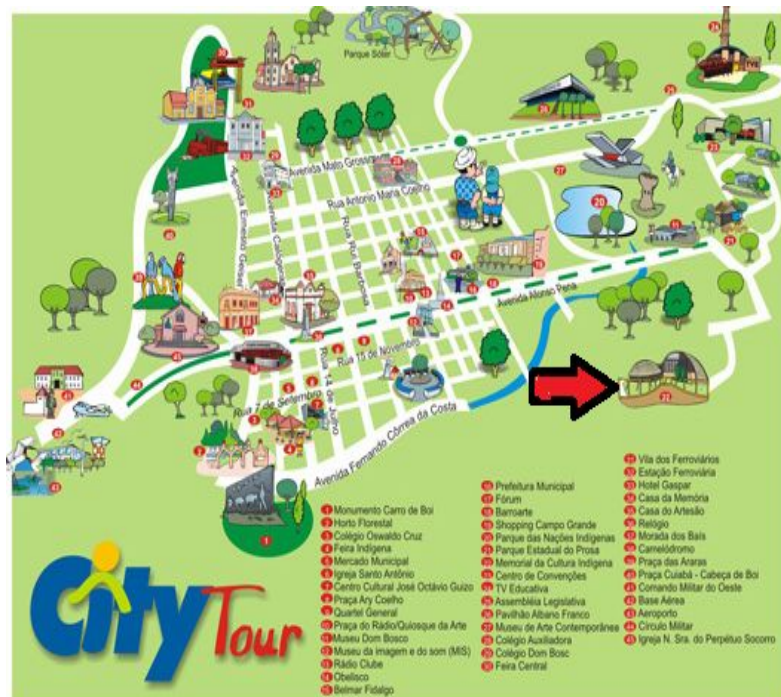
Recorte da Tabela 4

Distribuídos pelas áreas urbanas do Estado estão 14.457 mil índios.

Tabela 1379 - Pessoas de 5 anos ou mais de idade, total e as alfabetizadas, por cor ou raça, segundo a situação do domicílio e a idade	
Variável = Pessoas de 5 anos ou mais de idade (Pessoas)	
Cor ou raça = Indígena	
Alfabetização = Total	
Situação do domicílio = Urbana	
Idade = Total	
Ano = 2010	
Brasil	295.415
Campo Grande – MS	5.227

Recorte da tabela 1370

Apenas 5.227 mil estão fixados em Campo Grande



Percurso do ônibus Citytour em Campo Grande – MS. Crédito site: pantaneirismo

5. Resultados

Na *Escola Municipal Sulivan Silvestre Oliveira – Tukune Kalivono (criança do futuro)*, localizada na aldeia Marçal de Souza, há 408 alunos matriculados, uma média de 22% são indígenas, ou seja, algo em torno de 90 crianças, entretanto a escola procura se adaptar às necessidades dos alunos que tem como parte de suas atividades na língua terena.

Segundo a diretora da unidade, Lucimar Trindade Marques, que está há 06 anos no cargo, algumas crianças indígenas trazem em sua comunicação oral sua língua materna, o que se torna um grande desafio procurar manter suas características culturais e introduzi-las no grupo urbano.



Biblioteca da escola

– Fonte:

Frente às dificuldades de material didático, os professores, alguns também índios, contribuem com sua criatividade, para suprir a deficiência de material, inclusive o no que diz respeito à língua terena que conforme afirma Lucimar, há pouca disponibilidade no mercado de conteúdo com objetivo pedagógico para utilizar em sala.

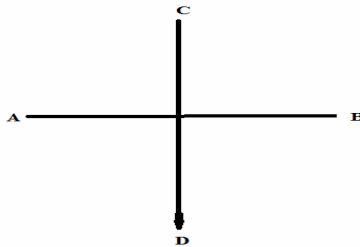
Essa dificuldade ficou evidente ao tentar ensinar as crianças cantarem o Hino Nacional Brasileiro na língua terena, pois além do problema da indisponibilidade de material, há também uma defasagem no vo-

cabulário na própria língua terena que impede a transposição de algumas palavras, o que não aconteceu com o Hino de Campo Grande – MS, que foi imediatamente assimilado na língua terena pelas crianças.



Fonte: Créditos: Blog de Amélia Rangel – Projeto: Quem somos?

Essas informações, por si somente, já refletem a necessidade de desenvolvimento de um projeto que acompanhe a repercussão dessa trajetória vivenciada pelas crianças da comunidade indígena. Acreditamos que o corpus, seja de grande riqueza para a aplicação das quatro dicotomias Saussurianas: *sincronia e diacronia*, língua e fala, significante e significado, paradigma e sintagma, conforme proposta de Saussure (1973, p. 95) AB representa o eixo das simultaneidades (sincronia); CD, o eixo das sucessões (diacronia).



Procurando a melhor maneira de investigação, o professor e ensaísta José Miguel Marinas fala a respeito da objeção de Labove ao pensa-

mento de Saussure: "A partir do momento em que não se considera a língua fechada em si mesma, portanto, homogênea, como propõe Saussure, abre-se a possibilidade, por exemplo, à heterogeneidade e é a partir daí que Labov passa a sustentar sua teoria." (1972, p. 12), em *Presentación de Labov – Marinas*

Seja "a Labov", *que se opõe as dicotomias do mestre genebriano, ou "la Saussure"*. O único caminho é a observação dos fatos.

Expondo-nos à reflexão da frase de Fernando Tarallo que citou, em seu livro *A Pesquisa Sociolinguística*: "Ao se decidir por estudos da língua falada e pela teoria da variação linguística, você logo se deslumbrará com a riqueza de dados." (TARALLO, 1997, p. 28)

6. Conclusão

Concluímos com esta pesquisa que os índios da aldeia Marçal de Souza, estão em um período de transição sociocultural e que certamente terá um reflexo na geração futura que se desenvolve dentro desse contexto, seria interessante o desenvolvimento de um projeto para verificação de alterações na lexicologia dos indígenas, Terenas, para que se estabeleça uma concepção sincrônica e diacrônica para tal fenômeno.

Entretanto diante aos trabalhos desenvolvidos na aldeia, certamente haverá uma semente que produzirá bons frutos, ou seja, jovens conscientes de suas responsabilidades em manter sua cultura viva, assim dar continuidade a esse processo, resta-nos acompanhar e registrar tais elementos, criando um banco de dados atualizados e disponível para consultas e análises, estabelecendo parâmetros, com finalidades comparativas de alterações sociolinguísticas futura, pois o IBGE e a Funai foram os órgãos procurados e ambos não tinham informações simples como por exemplo: quantidade de índios da aldeia Marçal de Souza que cursam ou cursaram nível superior. A partir da organização desse projeto, os próprios indígenas acadêmicos, moradores da aldeia, poderão alimentar essa fonte, sem dificuldade na coleta de informações, por se tratar de membros da comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Margarida de; HENRIQUES, Antônio. *Língua portuguesa:*

noções básicas para cursos superiores. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

CÂMARA Jr, Joaquim Mattoso. *Princípios de linguística geral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1973.

DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée; GUESPIN, Louis; MARCELLES, Christiane; MARCELLESI, Jean Baptiste; MEVEL, Jean Baptiste. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 1973.

http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_4/INTER4_Pg_69_83.pdf

<http://projetoquemsomos.blogspot.com.br/2009/03/nosso-10-aniversario.html>

<http://www.ilovemosoficial.com/2011/11/ferias-no-brasil.html>

<http://www.pantaneirissimo.com.br/2012/05/faca-um-city-tour-em-campo-grande-ms.html>

http://www.ueginhumas.com/revelli/revelli6/numero3_n2/revelli.v3.n2.art03.pdf

MARTINEZ, Maria Carolina Viduani. *Mato Grosso do Sul*. São Paulo: Ed. do Brasil, 1996.

MONTEIRO, Jose Lemos. *Para compreender Labov*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: Os níveis da fala*. São Paulo: Edusp, 2000.

SENRA, Nelson de Castro. *O cotidiano da pesquisa*. São Paulo: Ática, 1989.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1997.